

KNOW-HOW  
3000

*Experience*

*IN DETAIL*

# Arpilleras Bordando a Resistência



HORIZONT  
3000

AUSTRIAN ORGANISATION  
FOR DEVELOPMENT COOPERATION

## Índice

---

|  |    |
|--|----|
| Índice.....  | 2  |
| Índice de Gráficos.....                              | 2  |
| Lista de Abreviaturas.....                           | 2  |
| 1. Informação Geral.....                             | 3  |
| 2. Contexto da Experiência.....                      | 3  |
| 3. História e Desenvolvimento da Experiência.....    | 4  |
| 4. Características Principais da Experiência.....    | 4  |
| 5. Partes Interessadas e Organizações Parceiras..... | 7  |
| 6. Recursos.....                                     | 7  |
| 7. Impactos da Experiência/ Prática.....             | 8  |
| 8. Lições aprendidas.....                            | 8  |
| 9. Desafios.....                                     | 8  |
| 10. Sustentabilidade.....                            | 9  |
| 11. Partilhando a Experiência.....                   | 9  |
| 12. Bibliografia.....                                | 10 |

## Índice de Gráficos

---

|  |   |
|--|---|
| Figura 1 Localização da experiência..... | 3 |
|--|---|

## Lista de Abreviaturas

---

|        |  |
|--------|--|
| MAB    | Movimento dos Atingidos por Barragens  |
| DHESCA | Direitos Humanos Económicos Sociais Culturais e Ambientais                             |
| DKA    | Dreikönigsaktion - Agência de cooperação do Movimento de Katholische Jungschar Austria |

## Imprint

*Experience in Detail*  
“Arpilleras -  
Bordando a Resistência”

### Publicado em

Viena, Dezembro 2016

### por

HORIZONT3000  
[www.horizont3000.at](http://www.horizont3000.at)

### Editado por

MAB – Movimento dos  
Atingidos por Barragens  
e  
HORIZONT3000

### Com o apoio da

Cooperação Austríaca para o  
Desenvolvimento (CAD)  
e  
as Organizações Membros de  
HORIZONT3000

### Experto

Esther Vital Garcia

### Contato

[mab@mabnacional.org.br](mailto:mab@mabnacional.org.br)

<sup>1</sup> DKA Austria - Agência de cooperação do Movimento de Katholische Jungschar Austria, Movimento dos Homens Católicos da Austria – KMBÖ, Movimento de Mulheres Católicas da Austria – kfbö, Caritas Austria, Seção de missão e desenvolvimento da Arquidiocese de Viena, Casa do Mundo Diocese Graz-Seckau, Irmãos e irmãs necessitados - Diocese Innsbruck, Irmãos e irmãs necessitados - Ação Católica Caríntia

## 1. Informação Geral

O Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB, Movimento dos Atingidos por Barragens), tem caráter nacional, situado no Brasil em 17 estados, e tem como atuação prioritária defender os direitos dos atingidos pela construção de barragens, vítimas do modelo energético excludente implementado no país.

Nesse documento, MAB apresenta a experiência chamado “Arpilleras, Bordando a Resistência”. Existem experiências similares de empoderamento, documentação e denúncia através da arte têxtil no geral, e das arpilleras em particular em vários contextos e países, entre grupos com necessidades e problemáticas variadas e com resultados muito satisfatórios. A experiência pode ser relevante para outras organizações, já que é uma experiência que não precisa grandes investimentos de recursos, porque parte do uso dos recursos locais existentes - o que faz a experiência facilmente replicável. Ao mesmo tempo, consegue cumprir uma dupla função: por um lado, promove processos de conscientização e empoderamento para o interior do grupo e, por outro lado, promove processos de visibilidade e denúncia para fora.



Figura 1 Localização da experiência

Enquanto o desenho do plano pedagógico começou em 2013, a experiência, em sua maior parte, se implementou em 2014. Foi desenvolvida em 14 microrregiões dos estados de Rondônia, Pará, Tocantins, Ceará, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul no Brasil. Foram envolvidas cerca de 900 mulheres atingidas ou ameaçadas por projetos de barragens (maiormente projetos de produção de energia hidroelétrica, mas também de acumulação de água). Graças ao grande impacto, a

experiência ainda está sendo colocada em prática e os seus resultados e produtos ainda estão sendo divulgados.

## 2. Contexto da Experiência

Como constatado pelo Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana em uma investigação realizada entre 2006 e 2010, existe um padrão de violação de direitos humanos exercido pelas empresas do setor elétrico na implementação de barragens no Brasil. Para as mulheres as dificuldades são ainda maiores. O primeiro exemplo dessa violência institucionalizada é que, em praticamente todos os casos, as empresas responsáveis pelas barragens concedem reparações apenas em nome dos homens, excluindo as mulheres dos reassentamentos e indenizações. Além disso, são inúmeras as evidências de aumento de ocorrências de assédio sexual, tráfico de mulheres e prostituição nas proximidades dos canteiros de obras de barragens.

Para o MAB era muito complicado tratar estas experiências com as mulheres. O método das arpilleras (arte têxtil) facilitou uma linguagem familiar e segura com o qual as mulheres pudessem, por um lado, se abrirem a contar experiências difíceis de narrar verbalmente e, por outro lado, externalizar estas experiências em forma de bordados, que podem ser exibidos e mostrados, constituindo veículos muito atrativos de comunicação e denúncia.

Tanto as questões ambientais como de gênero constituem aspectos centrais da experiência. O público alvo foi definido em função destas variáveis sendo que abrange mulheres atingidas por um modelo de desenvolvimento e de produção de energia que não respeita os direitos da população atingida, e que traz um grande impacto ambiental. As mulheres são as pessoas mais dependentes dos ecossistemas nos quais estão inseridas. A perda do vínculo com os rios, as florestas e as terras, essenciais para a reprodução dos meios de vida, são as perdas mais sentidas pelas mulheres, pois não só proveem o meio de sustento (o peixe, o alimento, a água, a lenha...), mas têm um grande impacto na vida emocional, social, cultural e espiritual destas mulheres.

### 3. História e Desenvolvimento da Experiência

---

As arpilleras são uma técnica têxtil popular chilena, que foi utilizada pelas mulheres da periferia de Santiago de Chile, na época da ditadura militar do general Augusto Pinochet (1973-1990), como ferramenta de geração de renda, denúncia e enfrentamento às violações de direitos humanos perpetradas pelo regime militar. O primeiro contato do MAB com as arpilleras se fez através de uma das suas coordenadoras, em 2008, quando visitou a exposição “The Art of Survival: International and Irish Quilts”, em Derry, Irlanda do Norte. Na época estava elaborando a sua dissertação de mestrado sobre Transformação de Conflitos, e acabou usando esta experiência como caso de estudo sobre como usar a arte para criar espaços seguros de encontro em sociedades divididas. A partir de aí, ela usou a técnica para trabalhar com mulheres vítimas de violências diversas, como a União de Comitês de Mulheres Palestinas em Cisjordânia (2009) e Mulheres do Mundo, imigrantes em Bilbao, Espanha (2010). Durante 2011 e 2012, assumiu a assistência de curadoria da Exposição “Arpilleras da Resistência Política Chilena” no Memorial da Resistência de São Paulo (2011), onde facilitou várias oficinas. Graças ao apoio do edital “Marcas de Memória” da Comissão de Anistia, a exposição também foi levada a cinco cidades brasileiras (Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Belo Horizonte e Brasília) onde realizaram seminários, visitas guiadas e oficinas com vários grupos locais. Ela convidou as outras companheiras e coordenadoras a participar destas oficinas no marco destas exposições.

A partir desse primeiro contato, o MAB percebeu as arpilleras como ótimo instrumento de trabalho com as atingidas e, a partir desse entendimento, obteve uma parceria com HORIZONT3000 e a União Europeia para realizar um trabalho de documentação e denúncia sobre as violações dos direitos humanos das populações atingidas durante os processos de construção de barragens. Este projeto, cofinanciado pela União Europeia, a Cooperação Austríaca para o Desenvolvimento a DKA e a ação “SEI SO FREI” (Movimento dos Homens Católicos de Salzburgo), foi implementado desde janeiro 2013 até

dezembro 2015 e incluiu um eixo de trabalho específico para recolher os testemunhos de violação de direitos das mulheres atingidas a partir desta técnica.

O MAB desenvolveu um programa organizativo e pedagógico geral que foi definido no Coletivo Nacional de Mulheres. Primeiro 11 mulheres, que fazem parte deste Coletivo, viajaram para Argentina para conhecer e se apropriar da história e experiência do uso da técnica como forma de resistência, no marco da Exposição Internacional “Retalhos Testemunhais: Arpilleras do Chile e outras Latitudes”, que teve lugar no Parque da Memória em Buenos Aires. Estas 11 mulheres ficaram três dias estudando e montando um plano de trabalho, junto com a curadora e pesquisadora de arpilleras, Roberta Bacic. Daí foi organizada uma grande oficina com cerca de 50 mulheres que depois iriam atuar como facilitadoras de oficinas nas regiões. Nesta oficina, as mulheres não só aprenderam a técnica, mas contribuíram na elaboração da metodologia que foi adaptada à realidade concreta de cada região.

Nestes três anos de trabalho com as arpilleras, foram realizadas 100 oficinas com a participação de mais de 900 mulheres. Foi uma experiência muito rica, que contribuiu muito com o processo de empoderamento das mulheres, tanto individualmente, como coletivamente.

### 4. Características Principais da Experiência

---

O método vai se adaptando aos recursos e necessidades locais. Dentro das oficinas se trabalharam conteúdos em dois sentidos: por um lado, reconhecer as violações de direitos que derivam do sistema patriarcal da sociedade e, por outro lado, ver como este sistema se interrelaciona com os impactos do atual modelo energético brasileiro. A partir da experiência pessoal de cada mulher, o propósito era identificar e analisar coletivamente as conexões dessas experiências com as dinâmicas e relações de poder e opressão mais globais. Por isso além da costura, o processo de trabalho com as mulheres estava unido a um trabalho de capacitação sobre violações de direitos das mulheres atingidas, utilizando outros recursos como textos, vídeos e outro tipo de dinâmicas e



ferramentas para coletar dados. Desta forma, não só foram recolhidos os testemunhos com uma linguagem mais universal, artística e empática, como é a arte têxtil, mas também foi elaborado um dossiê que sistematiza as principais violações de direitos humanos sofridas pelas mulheres com uma linguagem jurídica e técnica, apontando recomendações concretas para os principais atores, instituições e órgãos governamentais envolvidos nos processos de construção de barragens.

Para MAB, a chave está em utilizar linguagens complementárias, que consigam abranger a multidimensionalidade das perdas, enquanto incluir as principais vítimas nos processos de documentar e denunciar estas violações. O uso da costura como linguagem, que é familiar às mulheres, facilitou um espaço seguro para a troca de experiências e a análise da sua problemática. O processo passa por interiorizar as perdas e reconhecer-se em quanto vítima, para superar esta situação e se tornar protagonista ativa da sua própria história. As mulheres são as que mais sofrem com a construção de barragens, mas também possuem uma força extraordinária para se unir, se empoderar coletivamente e ir para frente na defesa dos seus direitos e os direitos da sua família e comunidade.

A técnica também tem se mostrado especialmente útil para chamar a atenção ao tema nos meios de comunicação, já que apareceu na mídia nacional como na Carta Capital, na revista Cultura, na TVT e na Fio Cruz, entre outros. O MAB desenvolveu uma grande campanha de comunicação através do facebook e do site do projeto, para arrecadar recursos para produzir um documentário sobre a experiência, conseguindo a meta de captação coletiva proposta através do Catarse (plataforma de crowdfunding) (MAB, Catarse: Ajude-nos a costurar essa história!). Muito além de conseguir os recursos, o impacto mediático da experiência foi inédito, superando até agora qualquer outra campanha realizada. Dentro de dois meses, conseguiu-se quase 5.000 seguidores no facebook (MAB, Facebook: Arpilleras - Bordando à resistência) e mais de 80.000 visualizações do vídeo de lançamento da campanha (MAB, Youtube: Ajude-nos a construir essa história).

No final do ano 2015, o MAB realizou uma grande exposição das obras no Memorial da América Latina, ícone cultural de São Paulo, na qual foram exibidas também arpilleras originais chilenas. No quadro da exposição, também foram organizados seminários, oficinas e atos, para aproximar esta experiência ao público geral. O fato de levar as experiências das atingidas a um espaço público nunca alcançado antes pelos movimentos contribui à democratização da arte e da cultura, e foi uma das conquistas deste processo.

O **objetivo principal** da experiência é documentar e denunciar de forma participativa e abrangente as principais violações dos DHESCA (Direitos Humanos Económicos Sociais Culturais e Ambientais), das mulheres atingidas durante os processos de planejamento, construção e operação de barragens no Brasil. A experiência toma como ponto de partida um conceito amplo e abrangente das atingidas, e presta atenção especial às perdas imateriais derivadas deste processo e as inter-relações entre as violações pela estrutura patriarcal de sociedade e pela implementação do atual modelo energético. Por outro lado, tem como foco o envolvimento e protagonismo ativo das próprias mulheres, facilitando ferramentas que ajudem a capitalizar as suas experiências individuais e coletivas com uma linguagem própria, não-condicionada pela linguagem do “opressor”.

No que se refere à **metodologia**, os fatores chave na aplicação da prática de documentar e denunciar as violações dos DHESCA das mulheres atingidas através das arpilleras são:

#### **1. Planejamento e construção a partir da estrutura organizativa existente:**

O coletivo nacional de género do MAB foi o principal ator no desenho e na execução do programa. Dessa forma, o programa não constitui algo externo à organização. Foi costurado com outras atividades e programas dirigidos ao empoderamento das mulheres, atendendo os objetivos da estratégia geral do movimento. Este fato era essencial, pois facilitou a apropriação local do processo e a sua capitalização, ampliação e sustentabilidade. Inicialmente o programa foi desenhado para realizar 11 oficinas com 200

mulheres. No final, foram realizadas mais de 100 oficinas com mais de 800 mulheres. Agora está se realizando um estudo dentro do coletivo sobre a experiência, definindo um trabalho de continuidade com as arpilleras para aplicá-la em outros contextos.

## **2. Execução a partir do método formativo-organizativo de educação popular implementado pela organização:**

A experiência foi aplicada a partir do método formativo-organizativo do MAB. A base deste método é que o trabalho com as populações atingidas tem que fortalecer processos de auto-organização a partir das estruturas dos grupos de base. O fortalecimento dos grupos de base é a principal garantia para promover processos genuínos e sustentáveis da luta pelos direitos das populações atingidas por barragens. Para garantir os processos de participação democrática de todos/as os/as atingidos/as, é necessária a capacitação de lideranças, que incluem e representam as necessidades e demandas locais na tomada de decisões estaduais e nacionais, ao mesmo tempo que promovem os próprios processos organizativos e formativos no nível nacional. O programa de formação das atingidas através das arpilleras seguiu esta mesma lógica, contribuindo não só à expressão e denúncia das violações de direitos, mas fortalecendo também as próprias estruturas de auto-organização das mulheres atingidas, formando novas lideranças que hoje estão engajadas em processos organizativos e formativos mais amplos nas suas comunidades.

## **3. Utilização de várias linguagens e ferramentas de reflexão, documentação e denúncia:**

O uso da costura como linguagem no trabalho com as mulheres atingidas foi identificado como método eficaz para...

a) ...facilitar espaços seguros de encontro e de troca, nos quais as mulheres são capazes de narrar experiências difíceis de contar verbalmente. Aplicando esta técnica com fins terapêuticos, a costura permite acessar ao acontecimento traumático de uma forma segura, sendo que em qualquer momento a mulher tem a capacidade de entrar e sair na parte da memória onde está armazenado este acontecimento.

Além disso, os movimentos rítmicos da costura permitem materializar a memória em pontadas, internalizar as experiências e colocá-las em um contexto mais amplo da vida onde também estão presentes os recursos sociais e emocionais que podem ajudar a superar estas experiências.

b) ...facilitar uma linguagem conhecida que consegue expressar a realidade das mulheres. A costura ajuda a desconstruir o imaginário cultural e social dominante, definido a partir dos interesses e das interpretações de grupos dos quais as mulheres atingidas estão excluídas. Muitas vezes, tais interpretações sustentam os padrões de dominação e opressão existentes na sociedade e levam à sua replicação pelos próprios grupos excluídos e dominados. Com novas linguagens surgem novas interpretações da realidade que apoiam o processo de empoderamento. Um exemplo: as mulheres não reconheciam o trabalho realizado por elas como “trabalho” por estar ligado a tarefas “reprodutivas” e por não ser reconhecido economicamente.

c) ...visibilizar o processo de empoderamento pela materialização da experiência em um produto final que pode ser mostrado e exibido. As mulheres, sistematicamente excluídas do espaço público e da tomada de decisões, muitas vezes, não se sentem seguras para falar em público e denunciar as violências das quais sofrem. Através dos bordados, as suas experiências ficam visíveis e constituem em si mesmo veículos de comunicação. Ao mesmo tempo, conseguem atrair o público, permitindo que outras pessoas se identifiquem com as suas perdas e se comovam pelas suas histórias, convidando-as a tomar parte no processo. Às vezes, as pessoas não se sentem à vontade de ler um dossiê ou uma reportagem, mas se sentem atraídas a olhar um trabalho têxtil, inocente e inofensivo. Na medida em que olham, se dão conta que está se falando de perdas e experiências humanas universais, porém, muito difíceis e duras. Assim gera uma espécie de revolta de querer tomar partido, ou, pelo menos de querer divulgar. Sentia-se isso, na campanha de crowdfunding

realizada no Catarse (MAB, Catarse: Ajude-nos a costurar essa história!). Muitas pessoas se interessaram, doaram e divulgaram a causa.

Combinando linguagens artísticas com linguagens mais técnicas, a mensagem fica mais legítima e genuína, e alcança espaços e públicos diversos. Os produtos têxteis transformam-se em outros produtos de comunicação: exposições, documentários, vídeos, reportagens, posts no facebook, etc. De esta forma, alcançam públicos mais gerais, espaços culturais, universidades, jornais, salas de cultura, festivais de cinema, etc. A coleta de dados a partir de várias ferramentas, como a têxtil, mas também histórias de vida o outro tipo de registros, permite também elaborar discursos e recomendações em base de dossiês que utilizam uma linguagem jurídica e que podem ser encaminhadas a audiências públicas, a órgãos políticos e a rodadas de negociação com diversas instituições.

## 5. Partes Interessadas e Organizações Parceiras

As beneficiárias da experiência apresentada são as mulheres atingidas e ameaçadas pelos processos de planejamento, construção e operação de barragens no Brasil.

Os grupos principais envolvidos na realização da experiência são:

- Mulheres atingidas e ameaçadas por barragens por narrar suas experiências e participar em processos de empoderamento individual e coletivo.
- Coletivo de Mulheres do MAB por desenhar, coordenar e implementar o programa de formação, documentação e denúncia.
- Coletivo de Direitos Humanos do MAB por construir ferramentas jurídicas e formular recomendações e denúncias das violações de direitos humanos das populações atingidas por barragens.
- Coletivo de Comunicação do MAB por elaborar um plano de comunicação pública para divulgar os produtos e as experiências das mulheres.

Também foram muitos os parceiros que ajudaram a construir e elaborar a experiência, entre eles, várias organizações de assessoria jurídica popular e de direitos humanos, a Marcha Mundial das Mulheres, que ajudou na elaboração do programa, HORIZONT3000, DKA e a ação “SEI SO FREI” (Movimento dos Homens Católicos de Salzburgo) na captação de recursos e na gestão de projeto, entre outros.

## 6. Recursos

### Recursos humanos:

- Um grupo de “Coordenação Pedagógica”, que pensa nos objetivos, nos resultados e no plano de ação, e que é responsável por coordenar e executar o plano de ação.
- Dependendo do objetivo que se quer alcançar com o programa, recomenda-se uma facilitadora por cada 15 mulheres.
- Uma cuidadora infantil, que pense num programa para as crianças em quanto as mulheres estão reunidas.
- Uma equipe de comunicação para transformar os produtos das oficinas em veículos de comunicação.

### Materiais:

- Retalhos e sobras de tecidos, linhas, agulhas, tesouras e tecido de arpillera (juta ou estopa).

### Tempo:

- Uma arpillera demanda umas 36 horas de trabalho individual.
- A aplicação de um programa pedagógico construído coletivamente pode demorar muito mais tempo. (No caso do MAB: três anos).

### Meios Financeiros:

- Em princípio, os custos não são altos, já que a experiência não requer pessoal técnico especializado e os materiais de costura são reutilizáveis.
- Mesmo assim, se tem que investir recursos financeiros para garantir os encontros (viagens, estadias e alimentação), e a equipe de coordenação do projeto. (No caso do MAB, também teve muito trabalho voluntário).

## **7. Impactos da Experiência/ Prática**

No nível interno, a prática facilitou processos de empoderamento individual e coletivo das mulheres atingidas, contribuindo a identificar as suas problemáticas e necessidades específicas e a fortalecer o coletivo de gênero no nível nacional e local, legitimando cada vez mais o papel do coletivo de mulheres dentro do MAB.

No nível externo, a prática ajudou a visibilizar as violações de direitos que sofrem as mulheres atingidas e a ampliar a discussão sobre as contradições do atual modelo energético brasileiro. Ajudou a sistematizar as violações dos direitos das mulheres atingidas e encaminhar denúncias e recomendações aos órgãos responsáveis.

A principal inovação está no uso de novas linguagens sensíveis ao gênero para gerar processos de empoderamento individuais e coletivos na vida das mulheres.

## **8. Lições aprendidas**

As principais conclusões e fatores, que tem que ser considerados na hora de replicar a experiência, são as seguintes:

- A prática tem que contribuir ao fortalecimento dos coletivos envolvidos e das estruturas organizativas, assegurando que seja visto como “interno” e que consiga dialogar com o resto das atividades do movimento.
- A apropriação local do processo é crucial para gerar processos multiplicativos, dando importância ao método de formação, ao fortalecimento das coordenadoras locais e à ampliação e qualificação dos grupos de base.
- O uso de várias linguagens diferentes consegue chegar a públicos novos e mais amplos, e facilita a aproximação e empatia às problemáticas das mulheres atingidas.

## **9. Desafios**

O principal desafio foi criar um processo integrado ao resto das atividades e garantir que o projeto seja parte do plano pedagógico-organizativo do coletivo das mulheres do MAB. Para conseguir isso, foi preciso tempo e recursos, já que tem que criar espaços amplos

e coletivos de reflexão, envolvendo as mulheres no desenho, no monitoramento e na avaliação das atividades planejadas.

Além disso, também tinha outros desafios:

- A associação da costura ao âmbito doméstico e ao papel subalterno tradicional assignado às mulheres.
- A despolitização das oficinas, pois, no início, as mulheres estavam motivadas a participar nas oficinas pensando que era uma forma de geração de renda.
- A interferência dos companheiros no processo, pois, no início perceberam a atividade como perda de tempo, sendo que alguns companheiros não gostavam que as mulheres se envolvessem em atividades ou discussões políticas.

Todos estes desafios foram superados:

- Aproveitou-se dos espaços de decisão existentes, nos quais foi incorporada a coordenação do programa. A prática foi dirigida por um grupo menor que operacionalizou o trabalho dentro do coletivo de mulheres e coordenou este trabalho com os outros coletivos do MAB (comunicação e direitos humanos).
- A costura se entendeu como ato transgressor, sobre todo, a partir da viagem a Argentina, onde foi visitada a exposição internacional de arpilleras. Essa viagem constituiu um momento chave para o envolvimento do coletivo nacional de mulheres, e também para o desenho da primeira versão do programa pedagógico.
- Desde o primeiro momento, se insistiu no enfoque político das oficinas, entendendo as arpilleras como meio de expressão e denúncia, e não como uma fonte de renda. A ênfase no contexto político em que esta técnica nasceu no Chile, em cada uma das oficinas, serviu a esse objetivo, como também o fato que a prática foi combinada com o programa formativo de defensoras de direitos humanos.
- Quando o trabalho das arpilleras alcançou, no final, meios de difusão não acessados pelo MAB até esse então, percebeu-se outro tipo de aproximação por parte dos companheiros, contribuindo a mais respeito ao trabalho e ao reconhecimento do papel das mulheres no movimento.



O principal desafio, que remanesceu, é dar continuidade ao trabalho. Através das oficinas foram levantadas muitas expectativas nas mulheres atingidas, que identificaram as suas problemáticas e demandas coletivas. Agora a questão é continuar trabalhando na auto-organização das mulheres no movimento, conseguindo de fato incorporar a pauta das mulheres na pauta do MAB, para que avance nas conquistas locais, ao mesmo tempo que amplie o acesso das mulheres à programas e políticas públicas, que ajudem a minimizar os impactos das barragens e reparar as perdas sofridas nestes processos.

## **10. Sustentabilidade**

---

Para que a prática seja sustentável desde o ponto de vista institucional, social e econômico, a principal medida é promover a apropriação local do processo, através de métodos de formação e capacitação das próprias mulheres, que atuam como coordenadoras locais para facilitar as oficinas. Isto gera processos multiplicativos e logra alcances e impactos muito maiores. (A meta do MAB era trabalhar com 200 mulheres, e alcançou quase 900 mulheres).

## **11. Partilhando a Experiência**

---

A experiência pode ser reproduzida em diferentes contextos, com diferentes objetivos e com grupos maiores e menores. O importante é definir claramente os objetivos e desenhar metodologias que estejam adaptadas às necessidades e demandas da organização. A chave é o método, conseguindo promover processos e não oficinas isoladas, envolvendo os/as participantes em várias medidas e graus na tomada de decisão e no desenvolvimento das tarefas e responsabilidades.

Qualquer organização que vise processos de empoderamento individuais e coletivos, ligados aos direitos humanos ou com fins terapêuticos, poderia se interessar pela prática. A técnica das arpilleras foi amplamente aplicada como resposta a experiências traumáticas e em contextos de conflito e pós-conflito.

Esta experiência já foi compartilhada com várias instituições. O MAB participou na primeira conferência internacional de Arpilleras realizada em Genebra, em 2014, na qual participaram mais de 20 organizações de mais de 15 países asiáticos, europeus, americanos e africanos. Também fez apresentações sobre esse trabalho em organizações e movimentos no Brasil, como o Levante Popular da Juventude, grupos da terceira idade do SESC, a Marcha Mundial das Mulheres, a Casa de Lua, entre outros.

## 12. Bibliografia

---

MAB. (s.d.). *Catarse: Ajude-nos a costurar essa história!* Acesso em Novembro de 2015, disponível em <https://www.catarse.me/pt/arpilleras>

MAB. (s.d.). *Facebook: Arpilleras - Bordando à resistência.* Acesso em Novembro de 2015, disponível em <https://www.facebook.com/arpilleras/>

MAB. (s.d.). *Movimento dos Atingidos por Barragens.* Acesso em Novembro de 2015, disponível em <http://www.mabnacional.org.br/>

MAB. (s.d.). *Youtube: Ajude-nos a costrurar essa história.* Acesso em Novembro de 2015, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gOetCgu2BTU>